Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 5, Nº 1 - 1º semestre de 2014 - ISSN: 2179-3786 - pp. 92-109.

O sofrimento da insatisfação dos desejos e a sedução da sociedade de consumo

The suffering of the dissatisfaction of the desires and the seduction of the consumer society

Renato Nunes Bittencourt

Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ
Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ
Professor da Faculdade CCAA e da Faculdade Duque de Caxias
E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

Resumo: Neste artigo abordamos a teoria schopenhaueriana sobre a fonte dos desejos na vida humana e de que maneira ela regula as ações humanas como um dispositivo gerador de sofrimento, pois estimula o indivíduo a satisfazer continuamente seus ímpetos desiderativos. O capitalismo reforçaria essas disposições, ao estimular a satisfação humana mediante o desenvolvimento da afluência da sociedade de consumo.

Palavras-chave: Desejo; Sofrimento; Consumo.

Abstract: In this article we discuss the schopenhauerian theory about the wishing well in human life and in what manner it regulates human actions as a generator device of suffering, because it stimulates the individual to satisfy continuously desideratives impetuosity. Capitalism would strengthen these provisions, by stimulating the human satisfaction by developing the affluence of the consumer society.

Keywords: Desire; Suffering; Consumption.

> Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdade: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações (SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 68, p. 494).

Introdução

O ser humano, desde priscas eras, caracteriza-se pela intensa força desiderativa que se manifesta nas suas ações e aspirações existenciais. O desejo, assim, se configura talvez como uma tendência que representa a própria condição humana em sua trajetória vital, estimulando cada pessoa a satisfazer seus ímpetos independentemente das circunstâncias e dos meios necessários para tanto. Schopenhauer, ao dissecar o âmago

da vida regido pela Vontade desprovida de qualquer teleologia, apresenta o tormento existencial da condição humana que constantemente exerce sua busca sôfrega por satisfação das suas inclinações. Se a humanidade encontra no desejo a sua essência existencial, o capitalismo, em sua profusão de mercadorias e apelos publicitários, reforça ainda mais essas disposições aquisitivas do ser humano, promovendo-lhe a ânsia de satisfazer desejos talvez impossíveis de realização conveniente. Desse modo, propomos neste artigo estudar a temática do desejo na obra de Schopenhauer associando-a ao espírito do capitalismo, e de que maneira o grande filósofo propôs saídas plausíveis para a supressão da força desiderativa na vida humana, quebrando assim a lógica econômica que se perpetua justamente através da incapacidade humana de obter a saciedade tão esperada. Em diálogo com a obra de nosso estimado filósofo colocaremos alguns outros de suma importância para o estudo da formação cultural moderna e do sistema de consumo atrelado ao modo de vida capitalista.

A inesgotável fonte de desejos do âmago humano

Talvez seja impossível encontrarmos um ser humano cuja vida alcançou a idade madura que tenha de fato conseguido permanecer totalmente livre dos apelos desiderativos. Mesmo aqueles que obtiveram a vitória ascética sobre o poder dos desejos lutaram heroicamente contra os mesmos, invertendo a própria lógica natural da Vontade que visa a afirmar a si mesma na sua individuação. No entanto, poucos dentre bilhões de seres humanos encontram forças interiores para vencer a ordem avassaladora dos desejos, tornando-se então escravos dos mesmos. A profusão de desejos no âmago humano é de proporção geométrica, mas a sua capacidade de satisfação é de proporção aritmética. Dessa maneira, inúmeros desejos permanecem irrealizados na existência do ser humano, e essa carência é a fonte de seu grande mal-estar ontológico. Para Schopenhauer,

> Todo querer nasce de uma necessidade, portanto de uma carência, logo, de um sofrimento. A satisfação põe um fim ao sofrimento; todavia, contra cada desejo satisfeito permanecem pelo menos dez que não o são. Ademais a nossa cobiça dura muito, as nossas exigências não conhecem limites; a satisfação, ao contrário, é breve e módica.

> Mesmo a satisfação final é apenas aparente: o desejo satisfeito logo dá lugar a um novo: aquele é um erro conhecido, este um erro ainda desconhecido. Objeto algum alcançado pelo querer pode fornecer uma satisfação duradoura, sem fim, mas ela se assemelha sempre apenas a uma esmola atirada ao mendigo, que torna sua vida menos miserável hoje para prolongar seu sofrimento amanhã[1].

É extremamente válido ressaltarmos que Schopenhauer desenvolve seu ofício filosófico no período em que a Revolução Industrial consolida suas realizações mais aterradoras, inserindo milhões de trabalhadores em uma nova forma produtiva que desestabiliza o antigo sistema artesanal e corporativo. Através da divisão social do trabalho imposta pelo capitalismo, a produção de bens materiais atinge patamares elevadíssimos, criando assim uma relação de afluência para com o mercado consumidor que modifica substancialmente o modo como os indivíduos lidam com os objetos e com os seus próprios interlocutores.

Aumentando a oferta de mercadoria, aumenta-se simultaneamente a demanda dos desejos, pois todo produto disponibilizado para o comércio é criado para ser desejado pelo potencial consumidor, que exercerá todos os esforços para adquirir a mercadoria que lhe apetece. Nessas condições, o modo de produção capitalista amplifica ainda mais esse dispositivo desiderativo, pois os estímulos de aquisição por coisas proliferam de modo incontrolável, impossibilitando qualquer saciedade efetiva para os seus consumidores. Lipovetsky argumenta que

> O hiperconsumismo desenvolve-se como um substituto da vida que almejamos, funciona como um paliativo para os desejos não realizados de cada pessoa. Quanto mais se avolumam os dissabores e as frustrações da vida privada, mas a febre consumista irrompe a título de lenitivo, de satisfação compensatória, como um expediente para "reerguer o moral"[2].

Se porventura os desejos fossem erradicados da condição humana, a estrutura econômica do capitalismo ruiria em poucos dias, pois a sua base de sustentação não encontraria mais qualquer respaldo concreto para impor seus reclames sobre a grande massa humana ávida por satisfação sensível. Para Lipovetsky,

---

[1] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 38, p. 266.
[2] LIPOVETSKY, G. *A sociedade da decepção*, p. 30.

> Consumimos sempre mais, mas nem por isso somos mais felizes. O mundo tecnicista proporciona a todos uma vida mais longa e, em termos materiais, mais cercada de confortos. É algo que devemos considerar. Porém, isso não equivale à felicidade em si, que tenazmente escapa do poder de apreensão humana[3].

Se já não basta o ser humano, independentemente de sua situação histórica, econômica, política, cultural e social, caracterizar-se como um atormentado desejador da satisfação dos seus apetites, tanto pior se torna esse problema existencial na ordenação capitalista de mundo, que é justamente a grande hipérbole da produção dos desejos insaciáveis por conta de sua multiplicidade de coisas forjadas sob o ritmo da velocidade descomunal. Conforme Schopenhauer,

> Eterno vir-a-ser, fluxo sem fim, pertencem à manifestação da essência da Vontade. O mesmo também se mostra, por fim, nas aspirações e nos desejos humanos, cujo preenchimento sempre nos acena como o fim último do querer; porém, assim que são alcançados, não mais se parecem os mesmos e, portanto, logo são esquecidos, tornam-se caducos e, propriamente dizendo, embora não se admita, são sempre postos de lado como ilusões desfeitas[4]

Em nome da satisfação dos desejos, o ser humano se atira insanamente ao mundo do trabalho, isto é, da necessidade, e assim o seu sofrimento se ramifica em outros segmentos torturantes, pois, além do impulso desiderativo presente em seu próprio âmago que o atormenta continuamente, a ânsia de satisfazer esses desejos o obriga a trabalhar penosamente para que possa assim saciá-los, amplificando sua grande dor interior. Segundo Schopenhauer,

> O desejo, por sua própria natureza, é dor; já a satisfação logo provoca saciedade: o fim fora apenas aparente: a posse elimina a excitação. Porém, o desejo, a necessidade aparece em nova figura; quando não, segue-se o langor, o tédio, o vazio, contra os quais a luta é tão atormentadora quanto contra a necessidade[5].

---

[3] LIPOVETSKY, G. *A sociedade da decepção*, p. 51.
[4] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 27, p. 231.
[5] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 404.

Talvez o maior pecado para a sociedade de afluência seja a frugalidade do sujeito: quando este refreia seus ímpetos de consumo e adota uma postura sóbria em relação ao usufruto dos bens materiais, a roda comercialista do capitalismo anda mais lentamente, prejudicando os interesses dos mantenedores desse sistema pautado no estímulo ao gozo desenfreado, que suprime qualquer entrave moral em prol da satisfação desiderativa do consumidor. Conforme a interpretação de Don Slater,

> O capitalismo de consumo desencadeia, estimula mesmo as energias libidinais em geral e sexuais em particular; exige gratificações imediatas sob o princípio do prazer, e parece oferecê-las. Mas tanto o desejo quanto a satisfação só são permitidos em suas formas mais limitadas e repressivas: o desejo de ter mercadorias, a satisfação dentro do sistema[6].

A obsolescência programada dos produtos, estabelecendo um prazo curto de durabilidade dos bens materiais, amplifica essa disposição de consumo, pois assim a própria organização econômica da difusão das mercadorias legitima a aquisição e rápido descartabilidade sem qualquer pudor moral por tal desperdício desses produtos elaborados para que propositalmente durem pouco e assim estimulem o consumo das novidades mercadológicas. Segundo a explanação de Hannah Arendt,

> Em nossa necessidade de substituir cada vez mais depressa as coisas mundanas que nos rodeiam, já não podemos nos dar ao luxo de usá-las, de respeitar e preservar sua inerente durabilidade; temos que consumir, devorar, por assim dizer, nossas casas, nossos móveis, nossos carros, como se estas fossem as "boas coisas" da natureza que se deteriorariam se não fossem logo trazidas para o ciclo infindável do metabolismo do homem com a natureza[7].

Esse mecanismo de baixa durabilidade das mercadorias suprime o tédio decorrente do vazio existencial nascido posteriormente ao gozo do produto, levando assim o indivíduo a buscar novas causas externas para depositar sua esperança de saciedade, na sua ilusória luta interminável por felicidade associada ao usufruto dos bens materiais. Para Schopenhauer,

---

[6] SLATER, D. *Cultura do consumo e modernidade*, p. 124.
[7] ARENDT, H. *A Condição Humana*, p. 138.

> Quando desejo e satisfação se alternam em intervalos não muito curtos nem muito longos, o sofrimento ocasionado por eles é diminuído ao mais baixo grau, fazendo o decurso da vida o mais feliz possível[8].

A efervescência existencial da satisfação dos desejos caminha de braços dados com a decepção, estado decorrente da percepção de que a esperança de realização do ímpeto desiderativo mediante o consumo do produto adquirido não se efetivou na vida humana, gerando assim desapontamento e tristeza no âmago desse iludido indivíduo. A pretensa qualidade especial da mercadoria nada mais é que o grande ouro de tolo do consumidor, pois todas as mercadorias se nivelam por baixo, não obstante o luxo atribuído a algumas delas pelas campanhas publicitárias e pelos vendedores de ilusões. Schopenhauer argumenta que

> Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual consequentemente o homem está destinado originalmente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, as quais em realidade são seus componentes básicos. Isso também foi expresso de maneira bastante singular quando se disse que, após o homem ter posto todo sofrimento e tormento no Inferno, nada restou para o Céu senão o tédio[9].

Se porventura existir o temido Inferno, ele não será um local de imposição de sofrimentos para a alma do condenado mediante a punição de ser atirado às chamas do fogo eterno, mas sim pela incapacidade de saciar as suas inclinações mais ardentes. Frustrado por essa promessa não cumprida pelo sistema de afluência de mercadorias, o indivíduo transfere para outros recursos e objetos a esperança de satisfação interior, sem jamais encontrar termo em sua trajetória acidentada e infeliz. Segundo Don Slater,

> O consumismo explora simultaneamente a crise de identidade em massa ao declarar que seus bens são soluções para os problemas de identidade e, nesse processo, intensifica a crise, oferecendo valores e

[8] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 404.
[9] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 401-402.

> forma de ser cada vez mais plurais. A cultura do consumo vive e alimenta-se das deficiências culturais da modernidade[10].

Os mantedores da sociedade de consumo e seus asseclas publicitários, compreendendo o funcionamento da psicologia da infinita insatisfação existencial do ser humano, conhecem os mecanismos propagandísticos de sedução convenientes para reforçar a promessa de felicidade atrelada ao objeto adornado pelos artifícios da ilusão da imagem, e assim perpetuam a dominação do indivíduo escravo de seus próprios ímpetos desiderativos. O capitalismo se sustenta assim através da afirmação do grande Véu de Maya que reveste todas as coisas e que impede o indivíduo seduzido de compreender a essência desprovida de sentido do mundo, dando-lhe justamente a doce ilusão de que é possível adquirir a felicidade mediante os atos de consumo. Schopenhauer afirma que

> Decerto a vida humana, como qualquer mercadoria ruim, é coberta no exterior com um falso verniz; já o sofrimento todavia é sempre ocultado. Em contrapartida, todos ostentam a pompa e o esplendor desfrutados; porém, quanto mais a satisfação interior lhes escapa tanto mais desejam apresentar-se como felizes na opinião de outros. Tão longe vai o desvario. A opinião dos outros é o objetivo principal de cada um, embora a completa nulidade da mesma já se exprima no fato de que em quase todas as línguas vaidade, *vanitas*, significa originalmente vazio e nulidade[11].

Se a própria capacidade endógena de o sujeito atingir um patamar razoável de felicidade ao longo de sua existência já é uma tarefa árdua em qualquer condição espaço-temporal, como o ardil publicitário pode fabular de tal forma essa falsa promessa de felicidade atrelada ao usufruto das mercadorias? A grande mentira do regime capitalista perpetua o infantilismo existencial da grande massa humana incapaz de obter quietude interior pelo fato de projetar nas coisas materiais suas condições de possibilidade de realização pessoal. Para Schopenhauer,

> Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas negativa, jamais positiva. Não se trata de um contentamento que chega a nós originalmente, por

[10] SLATER, D. *Cultura do consumo e modernidade*, p. 88.
[11] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 59, p. 418.

> si mesmo, mas sempre tem de ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Com a satisfação, entretanto, finda o desejo, por consequência o prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a liberação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real, manifesto, mas também cada desejo, cujo inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio que torna a nossa existência um fardo[12].

Como o egoísmo é a tendência característica que se manifesta em grande parte das relações humanas, os publicitários que fundamentam suas atividades propagandísticas e de fortalecimento das marcas dos produtos comercializados mediante técnicas psicológicas de sedução e de pesquisas de mercado nada mais fazem do que se aproveitar de um conhecimento sobre as determinações existenciais do homem comum para melhor controlá-lo em seus apetites, estimulando-o a agir conforme os propósitos particulares do sistema comercialista. Nesses termos, ao invés de tal conhecimento acerca da condição humana promover no agente publicitário o despertar da compaixão e sua inerente compreensão da unidade ontológica fundamental que perpassa todos os seres, ocorre, pelo contrário, o uso manipulador através de tal conhecimento: o publicitário associado ao crivo mercadológico nega a realidade efetiva dessa grande unidade primordial, em nome da sua própria satisfação comercial pessoal e dos seus mandatários. Porém, também o publicitário é um indivíduo miserável, pois na sua dimensão mental apenas orbita valorações pautadas na posse, no consumo, no ter, na satisfação egoísta dos seus desejos. Abordando a temática do egoísmo do indivíduo atrelado ao nível fenomênico, Schopenhauer salienta que

> Observamos não apenas como cada procura arrancar do outro o que ele mesmo quer ter, mas inclusive como alguém, em vista de aumentar seu bem-estar por acréscimo insignificante, chega ao ponto de destruir toda a felicidade ou a vida de outrem. Eis aí a suprema expressão do egoísmo, cujos fenômenos, nesse aspecto, são superados apenas por aqueles de pura maldade, que procura, indiferentemente e sem benefício pessoal algum, a injúria e a dor alheia.[13]

[12] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 58, p. 411.
[13] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 60, p. 427-428.

O publicitário vendido ao regime capitalista somente encontra realização pessoal e profissional mediante a imposição de sonhos de satisfação de desejo de consumo ao povo, por isso ele necessita exercer uma relação instrumental para com os consumidores, tornando-os meios para sua própria ascensão social e material. A publicidade é o discurso heterônomo do mundo capitalista, exercendo um papel de coerção similar ao da religiosidade de massa nas organizações civilizatórias do passado. O discurso publicitário diz qual mercadoria o indivíduo ansioso por desfrutar do poder dos sentidos deve adquirir, moldando assim sua consciência mediante critérios extrínsecos que se fundamentam nas ilusões fenomênicas: as futilidades da moda, o gosto imbecilizante pelas novidades, o desejo de status e de reconhecimento social, a conquista da falsa certeza de singularidade mediante a posse e inerente usufruto de um produto. Para John Berger,

> O objetivo da publicidade é tornar o espectador ligeiramente insatisfeito com seu atual modo de vida. Não com o modo de vida da sociedade, mas com seu próprio, enquanto nela inserido. A publicidade sugere que se ele comprar o que está oferecendo, sua vida se tornará melhor. Oferece-lhe uma alternativa melhorada do que ele é[14].

A publicidade reforça as características mágicas associadas aos objetos, prometendo uma felicidade inexistente na ordem empírica; ela transmite muito mais o sonho do gozo do que o caráter funcional das coisas possuídas e usufruídas. Por isso o sistema capitalista fortaleceu de maneira tão avassaladora o Véu de Maya da realidade fenomênica. No final, tanto os consumidores iludidos com as promessas de satisfação através dos atos de consumo quanto os publicitários e colegas afins encontrarão inelutavelmente a morte como a grande terminadora dos seus propósitos de satisfação sensível. Schopenhauer afirma que

> É tão impossível a vontade deixar de querer de novo através de uma satisfação, quanto é o tempo findar ou começar. Inexiste para ela um preenchimento duradouro, para todo o sempre satisfatório e que coroaria os seus esforços. É como o Tonel das Danaides. Não há bem

[14] BERGER, J. *Modos de Ver*, p. 144.

> supremo algum, bom absoluto para ela, mas sempre apenas um bem temporário[15].

Certamente é um exercício hercúleo o desenvolvimento de uma conduta ascética em um mundo marcado pela profusão luxuriante de mercadorias, serviços e, sobretudo, de imagens sedutoras que agregam valores mágicos aos produtos ofertados nos templos de consumo como totens sagrados que anseiam por sua profanação. O capitalismo se configura assim como um culto fetichista das mercadorias.

Para aqueles sujeitos que se contrapõem categoricamente aos imperativos do consumo desenfreado proposto pelo regime capitalista, a ascese se torna a saída perante essa grande ilusão material. A ascese, caracterizando-se como o processo ético de emancipação pessoal em relação aos desejos e apetites materiais, é incompatível com o regime capitalista, que exige justamente a excitação do desejo de aquisição e consumo dos bens disponibilizados no mercado. Segundo Erich Fromm,

> Consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige que se consuma cada vez mais, porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer. Os consumidores modernos podem identificar-se pela fórmula: eu sou = o que tenho e o que consumo[16].

Cabe ressaltar que a grande sabedoria de vida não reside na destruição dos objetos que são a fonte inflamada dos desejos humanos, mas na capacidade de se usufrui-los sem qualquer apego identitário, ou mesmo no desinteresse em relação ao fato de se vir a possuí-los e gozá-los. Com efeito, a libertação humana sobre o reclame dos desejos não se dá suprimindo seus efeitos, mas eliminando as suas causas, e estas são interiores ao âmago humano. Segundo Schopenhauer,

> Ora, suponha-se um homem preenchido com um ímpeto volitivo veemente ao extremo e que, ardendo em apetites, deseja tudo acumular para saciar a sede de seu egoísmo e ainda, no mesmo tempo, como é necessário, convence-se pela experiência de que toda satisfação é aparente e o objeto alcançado jamais cumpre o que a

[15] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 65, p. 462.
[16] FROMM, E. *Ter ou Ser?*, p.45.

> cobiça prometia, a saber, o apaziguamento final do furioso ímpeto da vontade; mais, pela satisfação do desejo apenas muda a sua figura, que, agora, o atormenta sob outra forma, sim, ao término, se todos os desejos se esgotam, resta o ímpeto mesmo da vontade sem nenhum motivo aparente, a dar sinal de si como tormento incurável, horrível desolação e vazio[17].

O desapego aos bens materiais é o triunfo soberano sobre o poder encantador das mercadorias e dos discursos publicitários que iludem o homem comum incapaz de pensar refletidamente, fazendo-o crer que a felicidade se encontra no usufruto dos produtos alardeados, quando em verdade a possível felicidade somente pode ser parcialmente encontrada mediante a supressão do fluxo dos desejos que atormentam a consciência direcionada para a dimensão das coisas e das suas influências deletérias nas relações humanas. Conforme argumenta Schopenhauer,

> Pelo tempo em que o querer preenche a nossa consciência, pelo tempo em que estamos entregues ao ímpeto dos desejos com suas contínuas esperanças e temores, por conseguinte, pelo tempo em que somos sujeitos do querer, jamais obteremos felicidade duradoura ou paz[18].

Emancipado do ímpeto aquisitivo, o sujeito perde o caráter interessado próprio daqueles tipos humanos que vivem apenas em função da satisfação das suas necessidades metabólicas cotidianas, capacitando-se assim a contemplar livremente as Ideias, apaziguando o seu ânimo em relação aos apelos insaciáveis do querer. Segundo Schopenhauer,

> Aquilo que se poderia nomear o lado mais belo e a pura alegria da vida, precisamente porque nos arranca da existência real e nos transforma em espectadores desinteressados diante dela, é o puro conhecimento que permanece alheio a todo querer; é a fruição do belo, a alegria autêntica na arte[19].

Pessoas que desenvolvem a excelsa capacidade de contemplação consomem menos, pois eliminaram as tensões psíquicas de seu âmago, suprimiram as ansiedades nervosas que são atenuadas em atos de consumo. O enfraquecimento dos desejos

[17] SCHOPENHAUER, A, WWV/MVR, I, § 65, p. 464.
[18] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 38, p. 266.
[19] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 404.

tonitruantes no íntimo humano favorece assim o florescimento da capacidade contemplativa em relação ao mundo circundante, como se o sujeito se tornasse um espectador despojado das ardentes inclinações que o atormentam. Segundo Schopenhauer,

> Tal homem que, após muitas lutas amargas contra a própria natureza, finalmente a ultrapassou por inteiro, subsiste somente como puro ser cognoscente, espelho límpido do mundo. Nada mais o pode angustiar ou excitar, pois ele cortou todos os milhares de laços volitivos que o amarravam ao mundo, e que nos jogam daqui para acolá, em constante dor, nas mãos da cobiça, do medo, da inveja, da cólera[20].

Talvez justamente por quebrar a terrível roda do desejo que potencializa os atos de consumo, a capacidade contemplativa do homem seja tão tripudiada pelo senso comum massificado, que vive apenas em função da satisfação dos imperativos do baixo ventre e considera esse projeto de vida regida pelo materialismo consumista a dignidade maior da condição humana. Conforme Schopenhauer,

> O que mantém todos os viventes ocupados e em movimento é o empenho pela existência. Quando esta lhes é assegurada, não sabem o que fazer com ela. Por conseguinte, a segunda coisa que os coloca em movimento é o empenho para se livrarem do lastro da existência, torná-la não sensível, "matar o tempo", isto é, escapar do tédio[21].

A angústia que brota da necessidade de satisfação exerce um efeito deletério na capacidade perceptiva do sujeito, pois nesse processo ele é incapaz de desenvolver a placidez em seu olhar e nos seus modos de se relacionar com o mundo. Esse indivíduo nunca encontra tempo para si mesmo. A pressa é o seu grande fardo existencial, pois todo tempo perdido é tempo despojado de lucro, de maneira que a experiência ética genuína, fundamentada na compaixão e sua compreensão da unidade fundamental de todos os viventes, não se efetiva jamais, pois o indivíduo vive apenas em função dos imperativos de seu próprio metabolismo degradado. Schopenhauer postula que

[20] SCHOPENHAUER, A, WWV/MVR, I, § 68, p. 495.
[21] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 403.

> Quando às vezes em meio aos nossos duros sofrimentos sentidos, ou devido ao conhecimento vivo do sofrimento alheio e ainda envoltos pelo Véu de Maya o conhecimento da nulidade e amargura da vida se aproxima de nós e gostaríamos de renunciar decisivamente para sempre ao espinho de suas cobiças e fechar a entrada a qualquer sofrimento, purificar-nos e santificar-nos, logo a ilusão do fenômeno nos encanta de novo e seus motivos colocam mais uma vez a vontade em movimento. Não podemos nos libertar. As promessas da esperança, as adulações do tempo presente, a doçura dos gozos, o bem-estar que fazem a nossa pessoa partícipe da penúria de um mundo sofrente sob o império do acaso e do erro atraem-nos novamente ao mundo e reforçam os nossos laços de ligação com ele[22].

O grande mote capitalista, "tempo é dinheiro", representa com precisão essa divisão matemática do dia dedicado ao labor maquinal, desprovido de qualquer autorrealização pessoal plena. O desfrute do ócio, imprescindível para a meditação, para o estudo, para a reflexão, para a contemplação, para a fruição artística, é vilipendiado pelo ritmo nervoso da produtividade capitalista. Para Paul Lafargue,

> A moral capitalista, lastimável paródia da moral cristã, lança o anátema sobre o corpo do trabalhador; toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e as suas paixões e condená-lo ao papel de máquina gerando trabalho sem trégua nem piedade[23].

Dissolvendo-se a engrenagem desiderativa do âmago humano, a urgência de se trabalhar não apenas para viver, mas para que se satisfaçam os incontáveis desejos, se esvai, e assim o ser humano consegue se emancipar paulatinamente da pressão laboral do tempo cronológico, que exige sua otimização para que a produção se eleve cada vez mais. O puritanismo calvinista se encontra nas bases morais que sustentam esse processo de controle do tempo mediante a imposição incondicional do homem ao exercício do trabalho, sendo a alavanca para o desenvolvimento da organização econômica capitalista, conforme a interpretação de Max Weber: "O tempo é infinitamente valioso porque cada hora perdida é trabalho subtraído ao serviço da glória de Deus".[24] Nessas condições, a ética protestante do trabalho como instrumento vocacional do indivíduo temente a Deus se afasta da grande sabedoria de vida que se

[22] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 68, p. 482.
[23] LAFARGUE, P. *O Direito à preguiça*, p. 15.
[24] WEBER, M. *A Ética Protestante e o espírito do capitalismo*, p. 143-144.

pauta justamente pela quebra da urgência do tempo na configuração cotidiana da existência humana e que assim promove o desenvolvimento das capacidades contemplativas do sujeito, que vive como a flor-de-lótus que desponta soberanamente sob o pântano.

Nessa realidade maquinal imposta pelos mandamentos calvinistas, o êxtase, a reflexão, o ócio contemplativo são estigmatizadas como atividades diabólicas, pois improdutivas do ponto de vista da ordem do cálculo econômico da produtividade. As hagiografias dos santos cristãos, as narrativas sobre as vidas dos ascetas hindus, dos iogues, dos monges budistas, dos mestres chineses, dos sábios sufis, mesmos as histórias das vidas de muitos filósofos do mundo antigo, todos eles marcados pela serenidade, pela placidez, pela vitória sobre os desejos e sobre a ordem do mundo, pela relação de integração para com a natureza, apresentam um delineamento existencial radicalmente contrário ao da ética protestante, regida pelo temor incondicional a Deus e pela incerteza quanto ao futuro espiritual, assim como pela beligerância contra tudo que não corresponde ao seu modo de ser. A fabulação teológica da teoria da predestinação sintetiza a loucura do espírito da grande insegurança do homem perante o arbítrio divino, despertando no fiel os sentimentos mais angustiosos em relação ao seu porvir. As características histriônicas do comportamento do sectário protestante de ramificação calvinista comprova a ausência de controle psíquico em seu ânimo, sintoma produzido pela falta da paz interior que se manifesta em qualquer pessoa que atenuou as paixões interiores. Nessas condições, como podemos conceder credibilidade a um mentor espiritual que apresenta traços histéricos em suas ações e como podemos aceitar o testemunho de fé de um indivíduo desiquilibrado emocionalmente? O embate moral estabelecido pelo fiel protestante contra a ameaça do pecado significa sua incapacidade de vencer convenientemente seus próprios apelos desiderativos, projetando para falsas causas externas (as artimanhas diabólicas) a responsabilidade por suas tentações morais.

Na dimensão laboral, a ética protestante reforça o individualismo humano, pois cada um se torna responsável imediato por sua própria salvação, e a melhor maneira de lutar por esse dom divino é mediante a dedicação ao trabalho, sinal de graça presente. A ascese intramundana proposta pela ética protestante não exercita efetivamente o indivíduo a vencer os seus instintos e se emancipar do apelo das paixões, pois suas

inclinações apenas são reprimidas pelo medo da punição divina, mantendo assim a consciência desse fiel como um mero autômato dedicado ao trabalho exaustivo que, no fundo, favorece aos interesses dos grupos dominantes da sociedade, os empresários, os banqueiros, os políticos corruptos. Como o conhecimento se torna utilitário na visão de mundo calvinista, somente o aprendizado técnico de cunho pragmático se torna importante para o fiel, suprimindo suas capacidades reflexivas mais elevadas, assim como sua percepção estética da beleza do mundo e das artes humanas. A pobreza de espírito se torna o seu quinhão. Schopenhauer aponta que

> Desde o primeiro instante do aparecimento de sua consciência, o homem se acha como um ser que quer, e, via de regra, seu conhecimento permanece em constante relação com a Vontade. Ele primeiro procura conhecer plenamente os objetos do querer; em segundo os meios para eles. Sabe, então, o que tem de fazer e, via de regra, não se empenha por outro conhecimento. Age e impele-se, sua consciência sempre trabalha direcionada ao alvo do seu querer, mantendo-o atento e ativo, e seu pensamento concentra-se na escolha dos meios[25].

A busca pelo prolongamento da vida humana mediante os avanços tecnológicos e medicinais retrata, muitas vezes, a concretização de um projeto meramente extensivo de tempo, jamais qualitativo. Ao invés do ser humano da era tecnocrática compreender naturalmente o processo de passagem do tempo, ele luta ardorosamente pela manutenção das suas condições vitais, mesmo que para isso necessite até mesmo diminuir sua qualidade de vida. Muitos indivíduos visam prolongar a vida ao extremo para que possam gozar até ao fim dos seus bens materiais, sem que desenvolvam a capacidade de renúncia e desapego em relação ao caráter mundano das coisas. Nessa visão de mundo, o tempo se converte no período em que o indivíduo luta para satisfazer suas inclinações particulares combatendo com todas as suas forças a ameaça sempre presente da morte. Para Schopenhauer,

> A vida da maioria das pessoas é tão-somente uma luta constante por essa existência mesma, com a certeza de ao fim serem derrotadas. O que as faz, por tanto tempo, tornar essa luta árdua não é tanto amor à vida, mas sim temor à morte, que, todavia, coloca-se inarredável no

[25] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 60, p. 421.

> pano de fundo, e a cada instante ameaça entrar em cena. – A vida mesma é um mar cheio de escolhos e arrecifes, evitados pelo homem com grande precaução e cuidado. Embora saiba que, por mais que seu empenho e arte o leve a se desviar com sucesso deles, ainda assim, a cada avanço, aproxima-se do total, inevitável, irremediável naufrágio, sim, até mesmo navega direto para ele, ou seja, para a morte, esta é o destino final da custosa viagem e, para ele, pior que todas as escolhas que evitou[26].

Uma vida de desapago aos bens materiais e renúncia ascética é certamente extravagante aos olhares materialistas dos membros de uma ordenação social pautada na produção massiva para o consumo desenfreado de sujeitos que fundamentam suas existências no sentimento de posse e de satisfação incondicional dos seus desejos, mesmo que para tanto milhares de seres humanos tenham que sofrer. Com efeito, a disposição egoísta que se encontra presente no sujeito incapaz de reconhecer que a essência que o constitui é a mesma do que a que está presente nos animais sacrificados para a realização dos seus desejos sensíveis, ou dos trabalhadores espoliados em nome da produção capitalista, motiva a sua luta por satisfação pessoal acima de tudo e de todos. O sofrimento de outrem é indiferente para aquele que apenas anseia saciar seus apetites grosseiros. Schopenhauer considera que "O egoísta sente-se acuado por fenômenos estranhos e hostis e tida a sua esperança repousa sobre o seu bem-estar"[27].

O ímpeto de gozo individual é capaz de motivar as disposições mais terríficas no âmago do homem participante da sociedade de afluência, anulando qualquer consideração moral pelo próximo e pela natureza circundante. Todos os valores mais elevados são dissolvidos pela lógica hedonista da moral do consumo e sua pretensa promessa de felicidade atrelada ao usufruto dos bens materiais. Nessas condições, o estudo da questão do consumo não pode jamais se fundamentar apenas em perspectivas psicológicas, antropológicas, sociológicas, comunicacionais ou econômicas, mas também pela visão globalizante do discurso filosófico, seja pela ontologia, que estuda os fundamentos gerais da existência humana, e a ética, que estuda as ações humanas, suas motivações interiores e seus efeitos nas vidas alheias. Schopenhauer é assim um pensador que em sua Metafísica da Ética confirma aos seus estudiosos a pertinência do

[26] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 57, p. 403.
[27] SCHOPENHAUER, A. WWV/MVR, I, § 66, p. 475.

enfoque filosófico na reflexão sobre os atos de consumo do indivíduo, incentivado pela flama dos seus desejos.

Considerações Finais

A filosofia schopenhaueriana é fundamental para a compreensão das motivações ontológicas da profusão de desejos no âmago humano; ainda que não vejamos em sua obra uma aplicação imediata para a análise do desejo de consumo, isso não impede que aproveitemos suas contribuições para o estudo desse problema fundamental da condição humana, amplificado a patamares absurdos graças ao regime de produção e de consumo de mercadorias elaborado pelo sistema capitalista em nossa organização civilizacional. O sujeito que se emancipou da matriz\delirante dos desejos, presente em seu próprio âmago, é capaz de viver no cerne da profusão luxuriante de mercadorias sem se afetar por tais apelos, mas o indivíduo comum, atrelado ao gozo dos sentidos, é uma presa fácil de tais ardis sedutores. Contudo, a proposta da quebra do regime capitalista não decorre em prol da proteção desses homens comuns, que devem se libertar pessoalmente dessa tentação desiderativa mediante esforço íntimo. Em verdade, urge a quebra do regime consumista capitalista em nome da preservação da própria estrutura natural do meio ambiente, cada vez mais espoliado em favor desse projeto civilizatório erigido sobre o sangue, a dor e a destruição dos seres vivos que servem de repasto para tal regime de dominação. Desse modo, a obra de Schopenhauer, erigida na primeira metade do Oitocentismo, apresenta sua poderosa extemporaneidade ao nos proporcionar uma análise crítica sobre os fundamentos existenciais que motivam no ser humano sua busca interminável pelas coisas, e os motivos de sua contínua frustração interior.

Referências bibliográficas

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Alberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BERGER, John. *Modos de Ver*. Trad. de Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça.* Trad. de Otto Lamy de Oliveira. São Paulo: Ed. Claridade, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Trad. de Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. de Jair Barboza. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

SLATER, Don. *Cultura do consumo e modernidade*. Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "espírito do capitalismo"*. Trad. de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido: 15/11/14
Received: 11/15/14

Aprovado: 27/11/14
Approved: 11/27/14